Revista Extensão & Cidadania ISSN 2319-0566 UESB PROEX Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

TEATRO EM PRISÕES: UMA ARTE DA ABORDAGEM DE EDUCAÇÃO MUSICAL *EMPOWERING* SONG

THEATRE IN PRISONS: AN ART OF EMPOWERING SONG MUSIC EDUCATION APPROACH

TEATRO EN LAS PRISIONES: UN ARTE DEL ENFOQUE DE EDUCACIÓN MUSICAL EMPOWERING SONG

José Fortunato Fernandes[1]

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os resultados das ações do grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância e do projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação, desenvolvido no Presídio Feminino de Florianópolis, no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e no Centro de Internação Feminina, em Florianópolis, bem como sua relação com a abordagem de educação musical *Empowering Song*, desenvolvida no projeto de extensão Canto Que Liberta na Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, em Cuiabá. A metodologia adotada nesta pesquisa consistiu na coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de selecionar textos sobre a aplicação do teatro em prisões e sobre a abordagem *Empowering Song*, além de observação dos resultados das ações do grupo de pesquisa por meio do projeto de extensão e entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, com membros do grupo de pesquisa e do projeto de extensão. Os dados coletados foram analisados por meio de triangulação, da queal emergiram 32 categorias. Para a construção de significados, essas categorias foram reorganizadas em 15 agrupamentos. Neste artigo, são discutidos apenas cinco deles: relacionamento, pedagogia, liberdade de expressão, identidade e fantasia. Conclui-se que tanto a utilização do teatro quanto da abordagem de educação musical *Empowering Song*, como meios de ressocialização/(re)humanização de pessoas em privação de liberdade, têm produzido resultados significativos, evidenciando que a arte pode ser considerada um importante recurso no processo de reconstrução de trajetórias e de reinserção social de pessoas que futuramente retornarão à convivência em sociedade.

Palavras-chave: teatro em prisões; música em prisões; *empowering song*; pessoas em privação de liberdade; inclusão social.

***Abstract**: This article aims to show the results of the actions of the research group Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância and the extension project Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação, developed in the Florianópolis Women's Prison, the Custody and Psychiatric Treatment Hospital, and the Women's Internment Center, in Florianópolis, and its relationship with the Empowering Song music education*

[1] Músico. Doutor em Música, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5883-3046 E-mail: jfortunatof@ufmt.br

approach, developed in the extension project Canto Que Liberta at the Ana Maria do Couto May Women's Penitentiary, in Cuiabá. The methodology for this research was data collection through bibliographic research to select texts on the application of theatre in prisons and the Empowering Song approach, observation of the results of the research group's actions through the extension project, and semi-structured audio-recorded interviews with members of the research group and the extension project. The results of the collected data were analyzed and triangulated, resulting in 32 categories. To explore meaning, we reorganized these categories into 15 groups. In this article we will only discuss five: relationship, pedagogy, freedom of expression, identity, and fantasy. We conclude that both the use of theater and the Empowering Song music education approach as means of resocialization/rehumanization of people deprived of liberty have yielded satisfactory results, and art can be considered one of the means that assist in the recovery of people who will one day be reintegrated into society.

***Keywords**: theater in prisons; music in prisons; empowering song; people deprived of liberty; social inclusion.*

***Resumen**: Este artículo tiene como objetivo mostrar los resultados de las acciones del grupo de investigación Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância y el proyecto de extensión Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação, desarrollado en la Cárcel Femenina de Florianópolis, el Hospital de Custodia y Tratamiento Psiquiátrico y el Centro de Internación Femenina, y su relación con el enfoque de educación musical Empowering Song, desarrollado en el proyecto de extensión Canto Que Liberta en la Penitenciaría Femenina Ana Maria do Couto May. La metodología para esta investigación fue la recolección de datos a través de la investigación bibliográfica sobre la aplicación del teatro en prisiones y el enfoque Empowering Song, la observación de los resultados de las acciones del grupo de investigación a través del proyecto de extensión y entrevistas semiestructuradas grabadas en audio con miembros del grupo de investigación y del proyecto de extensión. Los resultados de los datos recolectados fueron analizados y triangulados, resultando en 32 categorías. Para explorar el significado, reorganizamos estas categorías en 15 grupos. En este artículo sólo analizaremos cinco: relación, pedagogía, libertad de expresión, identidad y fantasía. Concluimos que tanto el uso del teatro como el enfoque educativo musical Empowering Song como medios de resocialización/rehumanización de personas privadas de libertad han dado resultados satisfactorios, y el arte puede considerarse uno de los medios que contribuyen a la recuperación de las personas que algún día se reintegrarán a la sociedad.*

***Palabras clave**: teatro en prisiones; música en prisiones; empowering song; personas privadas de libertad; inclusión social.*

Introdução

André de Quadros, professor da Universidade de Boston, e Emilie Amrein, professora da Universidade de San Diego, escreveram o livro *Empowering song*: *music education from the margins* (DE Quadros; Amreim, 2023). Este livro apresenta atividades, ou antes, abordagens que resumem a experiência de ambos os autores, que vêm utilizando a música não apenas como meio para desenvolver a musicalidade, mas também para curar feridas, resgatar identidades, elevar a autoestima e proporcionar muitos outros benefícios aos estudantes. A música é usada como tema central e sobre ela são aplicadas outras artes, como dança, artes visuais, contação de histórias, poesia e teatro.

O objetivo desta pesquisa foi analisar os resultados das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância e das ações promovidas pelo projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação, ambos coordenados pelo Prof. Dr. Vicente Concílio e vinculados ao Centro de Artes, Design e Moda (Ceart), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). As atividades foram desenvolvidas no Presídio Feminino do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e no Centro de Internação Feminina, instituições localizadas em Florianópolis-SC, com o propósito de compreender o potencial das artes cênicas como meio de transformação social nesses espaços de privação de liberdade. Segundo Concílio:

> […] a cena contemporânea não apenas expandiu seu território para além dos espaços tradicionais, como também vem desenvolvendo estratégias para aprofundar seu significado social e comunitário. […] Uma proposta pedagógica crítica, portanto, que extrapole a noção de transmissão de conhecimento, entendendo as possibilidades de avanço nas interseções entre produzir arte e ampliar a consciência crítica de quem faz e aprecia as invenções teatrais contemporâneas. (Concílio, 2024, p. 27, tradução nossa).

As estratégias devem ter sentido duplo: ensinar o conteúdo artístico e fazer sentido social e comunitário ao promover não somente a inclusão social, mas também subsídios para a mobilidade social. A atividade artística como meio de inclusão social fará sentido para o praticante quando atingir a sua subjetividade, quando o fizer sonhar e elaborar uma nova forma

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

de existir. “Na busca por essas formas de atribuir sentido, nos referimos ao cultivo de subjetividades, de processos imaginativos e de elaborações íntimas e coletivas de novas formas de existir neste mundo cada vez mais complexo [...].” (Concílio, 2024, p. 28, tradução nossa).

Mas quem são as pessoas em privação de liberdade? Qual sua identidade? Segundo Concílio *et al* (2024, p. 185), “[...] a lógica punitivista que recai sobre pessoas empobrecidas, com baixa escolaridade, periféricas e racializadas estão evidentes nos dados que compõem o sistema carcerário brasileiro”. Um dos fatores que contribuem para a sua exclusão é o pertencimento às classes sociais D e E, o que se reflete diretamente no nível de escolaridade e nas condições de moradia. Outro fator que reforça essa exclusão é o fato de que a maioria é afrodescendente. Nesse sentido, é importante questionar por que as pessoas em privação de liberdade são frequentemente associadas ao estereótipo de indivíduos pobres, com baixa escolaridade, moradores da periferia e afrodescendentes.

Mas como transformar uma realidade tão opressora? Segundo Gaulês, Concílio e Imarisha, a transformação começa na imaginação, apontando a ficção visionária como ponto de partida:

> Ficção visionária se trata de uma arte fantástica, pautada na escrita de ficção científica ou especulativa, que nos ajuda a compreender e a desafiar as estruturas de poder existentes e nos apoia na imaginação de caminhos para sonhar e criar mundos mais justos. Está inextricavelmente ligada à luta por mudança social. [...] A ficção visionária exige que imaginemos diferentes maneiras de compartilhar o poder juntos para construir os futuros que queremos. (Gaulês; Concílio; Imarisha, 2024, p. 4, 5).

A ficção visionária está intimamente relacionada ao desejo e ao sonho. Segundo os autores, ela pode ser desenvolvida não somente por meio da escrita, mas também por meio de outras artes. Nesse sentido, Gaulês, Concílio e Imarisha (2024, p. 6) afirmam que “[...] toda arte avança ou regride com a luta por justiça, jamais podendo ser considerada neutra. Dessa forma, artistas que produzem obras de ficção visionária estão engajados em avançar com a justiça a partir de suas produções”.

O caminho para a realização do sonho de um mundo mais justo começa na imaginação, na reinvenção desse próprio mundo. Assim, as artes, de modo geral, especialmente quando desenvolvidas de forma coletiva, com destaque para o teatro, podem contribuir para a criação

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

de espaços de interação. A idealização de um mundo novo começa pela reinvenção de si e se reflete na reinvenção das relações na sociedade.

De acordo com Borges (*apud* Concílio; Lucas):

> [...] o fato de o teatro ser espaço de colaboração, respeito, compartilhamento e engajamento faz dele uma *possibilidade de reinvenção dos indivíduos em situação prisional, seja de si próprios, seja das relações que estabelecem* com seu grupo, comunidade e familiares. (Borges, Juliana *apud* Concílio; Lucas, 2023, p. 3, grifo nosso).

No entanto, o estabelecimento de relacionamentos e vínculos afetivos vai na contramão da lógica do sistema prisional. Como apontam Marques *et al.* (2020, p. 9), "Entre permissões e proibições, foi sugerido evitar a criação de vínculos afetivos com as(os) internas(os), a fim de impedir possíveis solicitações e requerimentos de favores extramuros". Uma das condições para a ressocialização/(re)humanização de pessoas em privação de liberdade é a aprendizagem da convivência com indivíduos externos ao ambiente prisional. Esse processo implica o estabelecimento de relações interpessoais que, por sua vez, demandam a construção de vínculos afetivos. Na ausência desses vínculos, o desenvolvimento de relações se fragiliza, comprometendo, consequentemente, o processo de ressocialização/(re)humanização.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, porque pretendeu coletar e analisar dados provenientes de membros do grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância e do projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação. Sua natureza é exploratória, pois a pesquisa se propôs a verificar os resultados tanto das pesquisas do grupo de pesquisa quanto das ações do projeto de extensão, desenvolvidas no Presídio Feminino de Florianópolis, no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e no Centro de Internação Feminina, vinculado ao Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE), em Florianópolis (Gil, 2021, p. 26).

Os procedimentos adotados foram os seguintes:

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

1. Coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica para selecionar textos que trouxessem aspectos pedagógicos, filosóficos, psicológicos e sociológicos do processo de ensino e aprendizagem do teatro para pessoas marginalizadas (Gil, 2021, p. 73-75).

2. Coleta de dados por meio de observação dos resultados das pesquisas do grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância nas ações pedagógicas ministradas no projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação com pessoas em privação de liberdade no Presídio Feminino de Florianópolis e no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (Gil, 2021, p. 113-123).

3. Coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada gravada em áudio com membros do grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância e do projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação convidadas pelo pesquisador (Gil, 2021, 125-135). O convite aos membros do grupo de pesquisa e do projeto de extensão para participação na pesquisa, por meio de entrevistas, foi realizado via WhatsApp, com contatos fornecidos pelo coordenador do grupo de pesquisa e do projeto de extensão, Prof. Dr. Vicente Concílio. As entrevistas ocorreram presencialmente durante o período em que o pesquisador esteve em Florianópolis, entre 15 e 30 de novembro de 2025. Dos dez membros atuantes no grupo de pesquisa e no projeto de extensão, nove foram entrevistados. Além disso, participaram do estudo duas pessoas responsáveis por um projeto voltado à música no Presídio Feminino de Florianópolis e uma pessoa egressa do grupo de pesquisa e do projeto de extensão.

4. Os dados coletados foram analisados por meio de triangulação, da qual surgiram 32 categorias. Para a busca de significados, realocamos essas categorias em 15 agrupamentos (Gil, 2021, 182-184).

Foram analisados dados coletados de textos, entrevistas e observações, sendo o tratamento realizado por meio de uma abordagem indutiva (Gil, 2008, p. 10-11).

Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, adotou-se um sistema de identificação composto pelas iniciaisdo título da pesquisa – Teatro em Prisões, seguidas de numeração sequencial – TP1, TP2 etc.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob o CAAE 89041225.4.0000.5690.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

Resultados e discussão

A análise dos dados permitiu a identificação de quinze categorias de resultados. Contudo, em razão das limitações de espaço deste artigo, serão abordados as sete categorias que apresentaram maior recorrência no conjunto dos dados coletados.

Relacionamento

O estabelecimento de vínculos afetivos se mostrou como um dos resultados mais evidentes do processo de ensino e aprendizagem de teatro em espaços de privação de liberdade. No Presídio Feminino de Florianópolis, foi possível observar a ruptura de alguns tabus, tais como o contato físico e o olhar. Ao chegar, juntamente com os educadores do projeto de extensão à sala de aula, percebeu-se que, assim que a cela foi trancada pelas agentes de segurança, as participantes se aproximaram para cumprimentar com abraços, gesto que se repetiu no final da aula, no momento das despedidas.

Observou-se também que, durante as atividades, não havia receio de olhar prolongadamente nos olhos umas das outras, indicando a construção de confiança e abertura relacional. Uma das educadoras entrevistadas descreve de forma mais detalhada a experiência de uma aluna de teatro no Centro de Internação Feminina: "[...] uma menina com 18 anos, que tinha filho já e que disse que, com aquele jogo de trocar de lugar com o olho, ela tinha aprendido a olhar; que ela nunca tinha olhado no olho de ninguém por muito tempo e aí ela conseguiu, com aquele jogo, olhar." (TP11, 27 de novembro de 2025).

É importante destacar que a prisão é um espaço em que o contato físico, em geral, se associa à violência ou a relações de cunho sexual, e no qual o olhar pode assumir diversos significados, muitas vezes marcados por tensão, vigilância ou ameaça. Nesse contexto, De Quadros relata:

> Como voluntários na prisão, fomos avisados de que o contato visual, particularmente o contato visual prolongado, provavelmente transmitiria uma mensagem específica. Então, o que fizemos foi enfatizar isso; pedimos aos homens que cantassem frente a frente, em duplas, e que olhassem nos olhos um do outro. O contato físico entre homens geralmente não ocorre, a menos que seja um ato violento ou sexual, então fizemos questão de legitimar o contato físico dando as mãos enquanto cantávamos. (De Quadros, 2015, p. 188, tradução nossa).

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

Nesse contexto, o processo de ensino e aprendizagem do teatro tem contribuído para a ruptura desses tabus, por meio de práticas como o abraço e de atividades que incentivem o contato visual direto entre as participantes. Tais experiências favorecem a construção de relações mais sensíveis e humanizadas.

Um dos educadores entrevistados relata como o contato físico e o olhar interferem diretamente nas relações entre pessoas em privação de liberdade:

> Mas eu sinto que tem uma mudança na relação delas entre si, porque elas chegam muitas vezes assim. O que sobrou de você na prisão? O corpo, o seu corpo... o que você controla, o que você preserva, o que você não quer olhar. Você não pode olhar muito tempo no olho de ninguém, porque isso pode gerar uma treta. Você também não pode esbarrar, porque, "Meu Deus, o meu corpo é sagrado." Então, assim, no começo, e isso altera, claro, a maneira como elas performam, porque o teatro envolve esse jogo, envolve essa entrega [...]. (TP4, 18 de novembro de 2025).

O projeto de teatro não tem facilitado o estabelecimento de vínculos afetivos apenas entre alunos ou entre alunos e educadores, mas também com os agentes de segurança. Um dos educadores entrevistados relatou sua experiência ao ofertar o curso de teatro a adolescentes de uma instituição socioeducativa, processo que resultou na produção de um curta-metragem:

> Quando a gente desenvolveu esse curta-metragem aqui, isso aqui foi toda uma logística para poder acontecer. Os agentes que estavam ali, faziam segurança, muito mais, foram vários acordos, e isso também possibilitou que esses agentes pudessem ver o nosso trabalho e olhar com um olhar diferente. (TP1, 18 de novembro de 2025).

O estabelecimento de vínculos afetivos com agentes de segurança se torna muito significativo, pois esses profissionais, no contexto prisional, representam a figura do opressor. Outro educador entrevistado relatou:

> E tinha essa agente, que era na época chefe de segurança, ela era sempre muito brava, era sempre muito sisuda, sempre muito carrancuda. E depois de ter acompanhado o nosso trabalho no Teatro da UBRO e aqui [UDESC], que elas apresentaram aqui, o trabalho no camarim, a colaboração, o comprometimento delas com a apresentação, a seriedade com que a coisa... é como se ela

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> estivesse redescobrindo um jeito de olhar para essas mulheres. E, desde então, ela foi uma parceira absoluta do trabalho. (TP4, 18 de novembro de 2025).

Dessa forma, o teatro tem se constituído como um meio potente de estabelecimento de vínculos afetivos entre pessoas em privação de liberdade, entre estas e seus educadores, bem como entre elas e os agentes de segurança, podendo ser compreendido como uma antecipação ou ensaio das relações sociais fora da prisão. Um dos educadores entrevistados confirma essa percepção: "Essas atividades, elas trabalham muito a relação das meninas entre si, dentro da instituição. Trabalham bastante a relação delas conosco, professores e com as pessoas de fora em geral. Então, isso melhora muito o trabalho em equipe, comunicação." (TP3, 18 de novembro de 2025).

Pedagogia

O estabelecimento de vínculos afetivos entre educador e aluno mostra-se imprescindível para a efetividade de qualquer proposta metodológica. Dessa forma, a articulação entre uma prática pedagógica consistente e relações pautadas na afetividade pode trazer bons resultados. Uma das educadoras entrevistadas afirma:

> Acho que justamente porque a nossa metodologia é parte desse desejo de reconstruir essa individualidade de cada um, de valorizar, de criar um espaço de conversa e de escuta para que eles possam contar que tipo de música eles gostam de ouvir, que a gente possa cantar um pouco dessa música, que a gente possa valorizar um pouco a individualidade de cada um também. (TP12, 28 de novembro de 2025).

Um dos aspectos que se destaca na pedagogia adotada é a utilização da ludicidade. Os jogos e brincadeiras fazem parte das estratégias utilizadas nos cursos de teatro, contribuindo para a participação, a expressão e o engajamento dos participantes. A seguir, apresenta-se o relato de uma atividade desenvolvida no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico:

> [...] fiquei muito impressionado com o engajamento dos alunos e feliz em perceber que eles estavam se divertindo. [...] Lembro com muito carinho do show de talentos elaborado pelos pacientes para apresentar os bonecos que havíamos construído e que estávamos manipulando. [...] Interessa-me dizer

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> que, a condução neste dia foi como um dia de brincadeiras. (Santos, 2025, p. 60).

Observou-se, ainda, que a ludicidade se apresenta como uma estratégia altamente eficaz no ensino de conteúdos. É como se as pessoas, por instantes, voltassem a ser crianças. Especialmente no contexto prisional, atividades lúdicas trazem leveza, alegria e descontração ao ambiente, além de despertarem o desejo de reviver experiências prazerosas. As brincadeiras, enquanto práticas coletivas, permitem o estabelecimento de relações interpessoais e o fortalecimento do trabalho em equipe.

Conforme relata Santos (2025, p. 56), "aguardamos os alunos e logo começamos o jogo das cadeiras, definitivamente ter um jogo divertido no começo da aula faz toda a diferença". Nesse sentido, as atividades devem ser planejadas de modo a serem prazerosas. Mesmo que os participantes apresentem alguma dificuldade na realização, é fundamental que sejam incentivados pela possibilidade de alcançar bons resultados. Caso a atividade seja muito difícil, recomenda-se sua adaptação, uma vez que o objetivo é promover experiências de êxito e engajamento no processo de aprendizagem.

Um relato mais aprofundado evidencia como o uso de materialidades pode motivar o engajamento de pessoas em privação de liberdade em atividades teatrais, especialmente, nesse caso, de indivíduos em tratamento psiquiátrico. Nessa perspectiva, Santos afirma que:

> Com diferentes chapéus, alguns figurinos e acessórios, dividimos a turma em dois grupos. Foi neste momento que percebi a potencialidade das materialidades como um dispositivo pedagógico e de criação neste contexto. Durante a prática, havia um *estado de presença e atenção* que eu ainda não tinha percebido. Desde o momento em que chegamos com as sacolas cheias de figurinos, *a curiosidade e o desejo de fazer* guiaram nossa manhã. [...] *O engajamento da turma estava relacionado aos elementos que eles não conheciam e que poderiam vir a manipulá-los, desdobrá-los e ressignificá-los.* [...] A criação a partir das materialidades, como o texto, os figurinos e os objetos, permitiu que a construção de cenas fosse orgânica, surgindo antes da preocupação com uma apresentação, diferentemente da proposta inicial que era o ato artístico. (Santos, 2025, p. 49, grifo nosso).

É possível notar como a utilização de materiais didáticos, no caso, textos, figurinos e objetos, pode motivar o engajamento dos participantes nas atividades propostas, ao despertar atenção, curiosidade e desejo. A possibilidade de manipular esses materiais e acessórios,

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

incorporando-os à construção de personagens, mobiliza a imaginação e orienta o envolvimento de cada participante no processo criativo.

No entanto, nem sempre o estabelecimento de vínculos afetivos e a adoção de uma boa proposta pedagógica são suficientes para garantir o pleno desenvolvimento das atividades. O estado físico e mental dos alunos pode interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem, exigindo do educador sensibilidade e capacidade de adaptação. Como relata um dos educadores entrevistados: "[...] geralmente, planejamos plano A e plano B, assim, esse tipo de atividade se eles estiverem mais engajados, mas se eles estiverem um pouco menos, a gente pode ir por esse caminho, assim. Então a gente tá sempre pensando dois lugares pra gente trabalhar." (TP7, 21 de novembro de 2025).

Muitas vezes, as atividades planejadas não se desenvolvem como previsto; contudo, isso não deve ser motivo para abandoná-las. Ao contrário, tais situações demandam reavaliação e adaptação das estratégias. Nesse sentido, uma das educadoras entrevistadas relata:

> Então, se na primeira vez que a gente traz esse jogo e ele não dá certo, a gente repensa um pouquinho ele e leva de novo. Aí, "Deu mais certo, legal!", a gente leva mais uma vez. Então, não é também que tudo que a gente leva e dá errado, a gente já descarta, né? Mas é sobre repensar também. (TP12, 28 de novembro de 2025).

A ideia de repensar as atividades, sem a adoção de fórmulas rígidas, apresenta afinidade com a abordagem *Empowering Song*.

> A abordagem *Empowering Song* não pode ser aplicada formulaicamente em diferentes contextos. *Empowering Song* é amplamente concebida, fundamentalmente responsiva e não formulaica; a implementação pedagógica de Empowering Song é diferente em ambientes carcerários, abrigos e escolas. (De Quadros; Amrein, 2023, p. 71, tradução nossa).

Outro fator que pode interferir no desenvolvimento das atividades do projeto é o fato de alguns alunos não serem alfabetizados. Como estratégia de enfrentamento, adotou-se a integração das práticas teatrais com as artes visuais, ampliando as possibilidades de expressão e participação. Conforme aponta Santos:

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> No plano de aula apresentado no capítulo anterior há um momento intitulado "registro criativo", uma maneira de materializar as críticas, elogios e sugestões dos alunos para as próximas aulas [...]. Com o registro criativo, cada aluno compartilhava suas percepções sobre as aulas, enquanto nós tentávamos conduzir um momento de diálogo e anotações. Contudo, nem todos os participantes eram alfabetizados e, em virtude disso, o momento de registro se deu a partir de um hibridismo entre escrita e desenho. (Santos, 2025, p. 63).

O desenho configura-se como uma estratégia eficaz para participantes não alfabetizados, ou mesmo para aqueles que o preferem à escrita, na expressão de críticas, elogios e sugestões. Além de ser um momento de reflexão, é um momento de execução artística, no qual o teatro faz uma interação com as artes visuais. Compartilhar essas expressões torna-se muito importante para que os participantes se identifiquem uns com os outros e se sintam acolhidos.

Pode-se perceber que diversos fatores podem interferir no processo de ensino e aprendizagem; no entanto, uma prática pedagógica consistente é imprescindível.

Liberdade de expressão

Percebe-se que o projeto de teatro procura dar liberdade aos estudantes nas atividades propostas, em razão de estarem inseridos em uma instituição que, por sua própria natureza, a restringe. Nesse sentido, observa-se uma aproximação com a abordagem *Empowering Song*. Assim afirma De Quadros:

> Em Empowering Song, buscamos proporcionar oportunidades para a autosignificação pessoal e a criação de comunidade. [...] Homens que nem tinham encontrado "voz" nem suas "vozes" precisavam de uma abordagem mais bem descrita por Palmer (s.d.) como uma pedagogia do coração e da alma. (De Quadros, 2018, p. 191, tradução nossa).

Um dos educadores entrevistados reforça a ideia da liberdade de expressão em um espaço de privação de liberdade e relata o seguinte:

> Eu acho que considerando que eles estão naquele espaço que não os prepara de maneira nenhuma, né, pra essa reinserção, eu acho que a possibilidade de estar num espaço que eles podem falar sobre o que eles querem fazer, sobre o que eles não querem fazer, ter um espaço em que eles podem conversar com a gente, falar como eles estão se sentindo, ouvir também como a gente está, o que a gente tem feito no lado de fora, né, dos muros, assim, eles saberem também que toda semana a gente vai voltar lá pra dar uma continuidade nas

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> atividades. Eu acho que isso é... é uma pequena ruptura numa macroestrutura [...]. (TP7, 21 de novembro de 2025).

Essa liberdade de expressão pode se traduzir de forma simples, como uma atividade que pode-se observar, na qual os alunos relatam como foi o dia deles até o momento da aula. Alguns são suscintos, mas outros sentem necessidade de detalhar fatos, de serem ouvidos. Uma das educadoras entrevistadas relata: "Normalmente, a gente se escuta muito, a gente escuta o outro, a gente pode falar, a gente pode imaginar outras coisas, outros mundos. Então, é uma porta mais fácil." (TP2, 18 de novembro de 2025). O teatro cria um espaço onde as pessoas são escutadas e podem falar. Mais do que isso, podem imaginar e vivenciar outras realidades.

Falar o que pensa e o que sente em um espaço de privação de liberdade pode ser perigoso, devido à possibilidade de represálias. No entanto, percebe-se que o projeto de teatro cria um espaço seguro para que os alunos possam se expressar com liberdade. Uma das educadoras entrevistadas afirma: "Eu acho que é um momento de distração, onde elas podem expressar os sentimentos." (TP6, 21 de novembro de 2025). A liberdade de expressão de sentimentos é tão significativa que chega ao ponto de negar as próprias propostas de atividades do projeto. Outra educadora entrevistada relata: "[...] porque no teatro a gente ensina a dizer muito 'sim', 'sim' para a improvisação, 'sim' para o jogo, mas ali, às vezes, elas querem dizer 'não', porque elas precisam dizer 'sim' para tudo ali dentro. Então, às vezes, o teatro pode ser o lugar do 'não' também." (TP5, 21 de novembro de 2025).

O pensamento também é expresso com liberdade quando se oferece aos alunos a oportunidade de fazer elogios, críticas e sugestões relativas às atividades do projeto: "[...] o exercício 'que bom', 'que pena' e 'que tal' é de extrema importância na construção pedagógica desse projeto, sendo o momento onde os alunos pontuam suas observações, por isso pensamos em incluí-lo em todas as aulas (Santos, 2025, p. 44). Dessa forma, o exercício "que bom", "que pena" e "que tal" configura-se como uma oportunidade de expressão verbal, na qual os participantes podem expressar suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas com liberdade, dizendo o que gostaram, o que não gostaram e o que desejam. A partir do sentimento de liberdade, materializado na expressão, outros sentimentos vêm à tona durante as atividades do projeto de teatro.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

Identidade

A abordagem da identidade no teatro é particularmente instigante, pois, antes de assumir a identidade de um personagem, é preciso afirmar a própria identidade perante o grupo.

Durante uma observação realizada no Presídio Feminino de Florianópolis, a primeira atividade proposta consistiu em dizer nossos nomes. Em seguida, foi sugerido que se acrescentassem, a cada rodada, novos elementos à identidade: idade, local de nascimento, signo e, se possível, o que gostaria de estar fazendo naquele momento. À primeira vista, esses dados parecem simples; entretanto, dizer o nome e a sua relação com o gênero que se assume, revelar a idade, muitas vezes ocultada, ou mesmo expressar desejos para aquele momento (como alguns que disseram que gostariam de estar nus), pode não ser algo tão fácil diante de um grupo.

Uma das educadoras entrevistadas destacou a importância da identidade como preparação para a liberdade: "Eu acho que esse lembrar de quem eu sou, sabe, as [coisas] que a gente tenta valorizar, a individualidade de cada um, eu acho que isso também contribui [para o momento de liberdade]." (TP12, 28 de novembro de 2025). No contexto de uma prisão, a resposta à pergunta "quem eu sou?" deve ir muito além do estereótipo às pessoas em privação de liberdade. Certamente, cada uma delas é muito mais do que isso.

As pessoas que ingressam na prisão frequentemente perdem sua identidade, o que se configura quase como uma imposição institucional. O nome é substituído por um número, as roupas são uniformizadas e, em algumas instituições, até o corte de cabelo é padronizado. Práticas como andar em fila, com a cabeça para baixo e as mãos para trás, trazem características de um comportamento imposto para ser controlado. Na obra seminal "Vigiar e punir", de Michel Foucault (1987, p. 118), encontra-se a seguinte reflexão: "[...] a noção de 'docilidade' que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado."

Em contraposição à ideia de uma identidade manipulável, o projeto de teatro procura promover a assunção da própria identidade por cada participante. Nesse sentido, a abordagem *Empowering Song* trabalha de maneira semelhante. A esse respeito, apresenta-se o relato de um ex-prisioneiro que participou de um projeto de música que utilizava a abordagem *Empowering Song* em uma prisão em Boston:

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> Naquele espaço, tive permissão para explorar aspectos sutis da minha humanidade que a prisão fez o seu melhor para sufocar. O que experimentei lá foi uma interrupção deliberada da agenda neocolonialista do Estado carcerário – uma agenda que assume a função de guardião reabilitador: um termo eufemístico para "civilizador". (De Quadros; Evelyn, 2023, p. 46).

No caso do projeto de teatro, a possibilidade de expressão por meios verbais e não verbais abre espaço para que a identidade dos participantes se revele de forma mais autêntica.

> Pudemos perceber um progresso constante no exercício dos nomes, a cada aula o ritmo do jogo fica mais estabelecido. É interessante registrar que houve uma ótima receptividade ao jogo da estátua e que o exercício "que bom, que pena e que tal" é de extrema importância na construção pedagógica desse projeto, sendo o momento onde os alunos pontuam suas observações, por isso pensamos em incluí-lo em todas as aulas. (Santos, 2025, p. 44).

Os exercícios em que os participantes dizem seus próprios nomes ou são chamados pelos demais são muito fundamentais, pois contribuem para a afirmação da identidade de cada um e para o início do estabelecimento de vínculos. O jogo da estátua, por sua vez, explora a criatividade e abre espaço para a expressão corporal, sem verbalização, sem regras pré-estabelecidas. Já o exercício "que bom, que pena e que tal" constitui-se como uma oportunidade de expressão verbal e não verbal, na qual os participantes podem manifestar suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas.

É relevante notar como a utilização de exercícios, jogos, rodas de conversa e materiais didáticos, tais como textos, figurinos e objetos, pode motivar os participantes nas atividades propostas, contribuindo para a assunção de sua identidade e para a criação de outra, inventada, ainda que temporária, mas capaz de integrar uma dimesão de fantasia, distante da realidade vivida atrás das grades.

Fantasia

A revelação e a assunção da identidade de cada participante constituem uma das consequências naturais do projeto de teatro; entretanto, a descoberta de novas identidades também se torna possível por meio do prazer de vivenciar uma fantasia. Sob esse aspecto, Santos observa que:

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

> No HCTP, de uma proposta que inicialmente era a produção de um ato artístico coletivo, surgiram, a partir dos desejos dos alunos, cenas e experimentações com o uso dos figurinos e materialidades. Os alunos do HCTP não são atores e estavam naquele momento descobrindo um universo que pesquisadores da área já tinham vivenciado e refletido. O ponto chave para essa comparação é que a premissa do *uso de figurinos* em ambos os contextos é a mesma: a *produção de ficção*. [...] Já não estávamos mais preocupados com a ideia de apresentar, ou compartilhar, ou obter um produto apresentável, mas, percebemos que o prazer estava justamente em ouvir as demandas do grupo e construir nossas aulas de uma maneira mais horizontal. (Santos, 2025, p. 50, grifo nosso).

Pode-se imaginar o alívio e o prazer das pessoas em privação de liberdade ao experimentar uma outra realidade. Mesmo com o corpo preso, a mente é livre para imaginar outro contexto e caracterizá-lo por meio do figurino. A apresentação é importante, pois é o produto de um trabalho, mas se trata de um momento único. O processo de criação permite a vivência da fantasia diversas vezes, sendo que, a cada vez, essa fantasia, ou ficção, é aprimorada. Todavia a fantasia nãose restringe ao prazer quando retrata a dura realidade. Se, por um lado, observa-se a fuga dela por meio da fantasia como alívio das opressões vividas na prisão, por outro, evidencia-se o seu enfrentamento como possibilidade de transformação. Nesse sentido, um dos educadores fez o seguinte relato:

> A gente desenvolveu um curta-metragem mesmo lá. [...] eles trouxeram o tema do suicídio. Depois de alguns exercícios de *stop motion*, de desenho, foram trazendo cenas, a gente foi fazer uma interface teatro-cinema, e eles construíram e trouxeram as soluções. E eles mesmos atuaram. [...] Nesse filme mesmo, por exemplo, tem uma música no final aqui, que é de um adolescente. Ele fez a música baseada no roteiro, de um outro adolescente. Um construiu o roteiro e o outro fez a música em cima, que é essa a síntese do filme. Eles escreveram o diálogo. Então, são muitas potências. Produção deles, porque 95% é tudo deles. (TP1, 18 de novembro de 2025).

O tema do suicídio foi escolhido por fazer parte da realidade dos adolescentes. A reflexão e a discussão relacionadas ao tema, durante o período de elaboração do texto, sua memorização e o ensaio das cenas, certamente trouxeram à tona causas, efeitos e possíveis soluções. A produção do curta-metragem foi realizada a partir das aulas de teatro, com esforço próprio dos adolescentes e orientação do professor e de profissional da área de saúde mental.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

Para que esse trabalho produzisse bons resultados, assim como Santos (2025) descreve a “maneira mais horizontal” ao se referir a uma maneira menos hierárquica de se relacionar com os alunos, TP1 também faz referência a essa mesma horizontalidade.

> A gente sempre procura essa vinculação e sempre trabalhando. Acho que é importante a gente também se apropriar às vezes desse lugar de horizontalidade com eles. [...] E o adolescente se vincula muito quando a gente se coloca nesse lugar de estar com ele. (TP1, 18 de novembro de 2025).

Horizontalidade implica a redução a redução de hierarquia, isto é, uma relação em que o professor se coloca em posição de facilitador, em maior proximidade e igualdade com o aluno. Nesse sentido, observa-se uma similaridade com a abordagem *Empowering Song*: "[...] Ao conceituar a natureza do Empowering Song, buscamos inspiração nesta visão de uma ecologia do conhecimento interconectada, dinâmica e não hierárquica" (De Quadros; Amrein, 2023, p. 109, tradução nossa).

As atividades do projeto de teatro possibilitam a alternância entre realidade e fantasia, colocando o participante em situações nas quais é necessário assumir sua própria identidade e, em outras, vivenciar uma nova identidade. Santos relata:

> Após isso, fizemos as provocações de quais personagens eles gostariam de ser. [...] Em roda, cada boneco de luva tinha que fazer um movimento e todos os outros bonecos tinham que imitar. Aproveitei a roda para fazer algumas perguntas como provocação, o nome do boneco, a idade, de onde ele era. Depois disso, o objetivo era que caminhando pelo espaço eles começassem a interagir uns com os outros, para que criassem um certo repertório de manipulação. Como ainda tínhamos um tempo de aula, mas não o suficiente para criar cenas, decidimos juntos fazer um “show de talentos”. Coletivamente desenhamos o cenário, eu era o apresentador e chamava um de cada vez para ou se apresentar ou apresentar alguma coisa para o público. Foi muito legal e divertido. [...] Me chamou muito a atenção o boneco do C, que era um personagem que só falava em inglês. (Santos, 2025, p. 57).

A atividade é fundamental no sentido de trabalhar com as identidades e com a fantasia. Os participantes podem afirmar suas identidades ou propor novas identidades para si, que talvez não tenham coragem de assumir em seu contexto real.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

A partir de suas novas identidades, podem estabelecer relacionamentos e se sentir acolhidos. É relevante notar o destaque de características desejadas que marcam os personagens:

> Na oficina sobre bonecos de luva, surgiu a possibilidade de atuar, a partir de um outro corpo, um corpo que não era animado, mas que ganha anima a partir das intenções, experiências e subjetividade do sujeito que o manipula. [...] Prefiro me debruçar na ideia concreta de transferência de imagem, como uma sensação. Se o ator interpreta como uma imagem que não a sua, a sensação de exposição diminui e a possibilidade de se expor ao ridículo pode ser substituída pela brincadeira em cena. (Santos, 2025, p. 59-60).

A opção pela transferência de imagem pode ser questionada a partir de problemas relacionados à autoimagem, especialmente à imagem de um condenado. O medo de se expor pode estar relacionado a uma baixa autoestima. A brincadeira em cena pode revelar pensamentos e sentimentos que podem ser trazidos à roda de conversa como um momento de escuta e de dar voz aos participantes.

Conclusão

O ser humano é um ser sociável. A rede de relacionamentos afetivos de uma pessoa diz muito sobre ela, podendo, inclusive, ser constituída desde o útero. Quando uma pessoa vai para a prisão, isso ocorre porque ela rompeu alguma regra que interferiu em seus vínculos com pessoas da sociedade. O processo de ressocialização/(re)humanização pode se tornar efetivo a partir do estabelecimento de relacionamentos afetivos durante o período de privação de liberdade, configurando-se como um reaprender a conviver.

Nesse sentido, o grupo de pesquisa Teatro e Prisão: Práticas de Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância tem obtido bons resultados por meio das ações do projeto de extensão Pedagogias das Artes Cênicas e Processos de Criação, realizadas no Presídio Feminino, no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e no Centro de Internação Feminina, todas essas instituições em Florianópolis-SC.

Além do estabelecimento de vínculos afetivos entre estudantes e educadores, pessoas externas ao espaço prisional, esses vínculos também ocorre se constroem entre estudantes e entre estes e os agentes de segurança, no interior da prisão. O estabelecimento de

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

relacionamentos afetivos envolve, simultaneamente, aspectos psicológicos, pelo bem-estar que produz nos participantes, e sociológicos, pela convivência que proporciona entre eles.

A pedagogia utilizada pelo grupo de pesquisa no projeto de extensão tem produzido resultados muito positivos por meio da inclusão de ludicidade, das materialidades, da flexibilidade no planejamento e da integração do teatro com as artes visuais. A ludicidade torna o processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso e descontraído, acontecendo de forma leve, sem a pressão da obrigatoriedade de domínio de um conteúdo. As materialidades que, muitas vezes são objetos distantes da realidade dos alunos, seduzem e permitem possibilidades de criação de personagens e situações fictícias.

A flexibilidade no planejamento aproxima-se da abordagem *Empowering Song*, sendo adaptável a diferentes contextos. Uma atividade não necessita ser aplicada sempre da mesma forma para produzir resultados, mas se ajusta às necessidades do momento. A integração do teatro com as artes visuais constitui outra característica semelhante à abordagem *Empowering Song*, que articula música com artes visuais, dança, contação de histórias, poesia e teatro. Essa integração amplia as possibilidades de expressão, contemplando também aqueles que se identificam mais diretamente com as artes visuais. O processo de ensino e aprendizagem no projeto de teatro envolve aspectos pedagógicos, psicológicos, pela sensação de prazer que proporciona, sociológicos, pelo caráter coletivo das aulas, e filosóficos, amplia as possibilidades de expressão, contemplando também aqueles que se identificam mais diretamente com as artes visuais.

A liberdade de expressão tem sido uma das características das aulas de teatro, uma vez que seus ministrantes fazem questão de não impor a condução das atividades teatrais justamente por se tratar de espaços de privação de liberdade. Dessa forma, a liberdade de expressão manifesta-se tanto na possibilidade de falar sobre o que se deseja fazer quanto na liberdade de expressar o que não se quer fazer. O espaço construído tem se configurado como um ambiente de segurança e confiança, no qual há liberdade para dialogar com educadores e colegas sobre sentimentos e pensamentos, bem como para ouvir o outro. Essa liberdade de expressão favorece o estabelecimento de relações, permitindo conhecer o outro de forma mais profundamente, pois, nesse espaço, cada um pode ter voz e, consequentemente, ser escutado. Nesse sentido, elogios, críticas e sugestões são estimulados pelos educadores. Para além da razão e da emoção, a

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

liberdade de expressão abre espaço para a criação e para a imaginação de outros mundos, possibilitando também o surgimento de outros sentimentos. Ela envolve dimensões psicológicas, pelo bem-estar que promove; sociológicas, por se constituir como exercício de um direito no contexto coletivo; e filosóficas, por refletir modos de pensar situados em determinado tempo e lugar.

As atividades teatrais colocam em xeque a identidade dos participantes, levando a diferentes reflexões: quem a penitenciária gostaria que fossem, quem são e quem gostariam de ser. As instituições correcionais têm buscado moldar a identidade das pessoas em privação de liberdade de acordo com um estereótipo, sem considerar a individualidade de cada uma. O projeto de teatro, por sua vez, tem possibilitado que cada participante exerça a liberdade de expressão para assumir, diante do grupo, seus pensamentos e sentimentos. Esse tipo de ação favorece a reflexão e pode trazer conflitos internos relacionados a quem são e a quem gostariam de ser. Nesse sentido, o projeto de teatro tem contribuído para que os participantes encontrem caminhos, e não soluções, para que as identidades possam ser afirmadas de alguma forma. A abordagem da identidade no projeto de teatro envolve aspectos psicológicos, pelas possíveis transformações internas que pode provocar; sociológicos, por refletir as diversas identidades de uma época e de um lugar; e filosóficos, por valorizar a singularidade de cada participante.

O projeto de extensão proporciona momentos de fantasia nos quais novas identidades podem ser descobertas. A imaginação dá liberdade para que cada participante experimente o prazer de ser quem quiser. Essa liberdade para a fantasia relaciona-se a uma postura não hierárquica dos educadores, uma vez que não a direcionam e nem a restringem. O processo de aprimoramento da fantasia, revivida de forma prazerosa em diferentes momentos, torna-se mais importante do que o produto final, geralmente apresentado apenas uma vez. A fantasia também pode ser utilizada no projeto de teatro como retrato de uma realidade menos prazerosa. Nesse sentido, ela atua como forma de conscientização de problemas, suas causas e efeitos. Pode ainda assumir um caráter desafiador, pois exige coragem para ser quem se gostaria de ser, para se expor ao ridículo ou para se confrontar com experiências dolorosas de conscientização. Assim, a fantasia se torna uma maneira de ter voz em um espaço de privação de liberdade. A fantasia no projeto de teatro envolve aspectos psicológicos, pelo prazer que provoca; pedagógicos, pela horizontalidade na relação entre educadores e alunos; sociológicos, por refletir identidades

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 28-49, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

situadas em contextos específicos; e filosóficos, por valorizar desejos e anseios de cada participante.

Dessa forma, o teatro se afirma como um espaço potente de expressão, escuta e elaboração simbólica, no qual a liberdade, ainda que situada em um contexto de restrição física, pode ser vivenciada de modo criativo e transformador. Trata-se de um território em que a palavra, o corpo, o gesto e a imaginação se articulam para produzir sentidos outros sobre si e sobre o mundo, possibilitando deslocamentos subjetivos importantes. Nesse processo, experiências individuais e coletivas são compartilhadas e ressignificadas, permitindo que sentimentos, memórias e desejos encontrem formas de expressão que ultrapassam os limites impostos pela realidade institucional. Assim, o teatro não apenas promove a criação artística, mas também favorece processos de ressocialização/rehumanização, fortalecimento de vínculos e ampliação das possibilidades de existência, mesmo em contextos marcados pela privação de liberdade.

Referências

CONCÍLIO, Vicente. Por una pedagogía (crítica) viva y práctica en las artes de la escena. **Conjunto**, v. 1, p. 27-31, 2024.

CONCÍLIO, Vicente; CARDOSO, Amanda Dalsenter; DOS SANTOS, Guilherme Augusto Nunes; DE SOUZA, Pedro Henrique Vieira. Teatro e prisão: infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância. **Revista Extensão & Cidadania**, v. 12, p. 181-195, 2024.

DE QUADROS, André. Nurturing vulnerability in imprisoned manhood: a spirit journey. *In*: HENDRICKS, Karin; BOYCE-TILLMAN, June (Ed.), **Queering freedom:** music, identity, and spirituality. Oxford; Bern; Berlin; Bruxelles; New York; Wien: Peter Lang, 2018. p. 187-200.

DE QUADROS, André. Case study: 'I once was lost but now am found'- music and embodied arts in two American prisons. *In*: CLIFT, Stephen; CAMIC, Paul M. (Ed.). **Oxford textbook of creative arts, health, and wellbeing**: international perspectives on practice, policy, and research. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 187-191.

DE QUADROS, André; AMREIN, Emilie. **Empowering song**: music education from the margins. Routledge, 2023.

DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.18850
ISSN 2319-0566

DE QUADROS, André; EVELYN, Sean. Smuggling in Humanity – Musicking through Prison Walls. **Music Educators Journal**, v. 109, n. 3, p. 43-47, Apr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAULÊS, Murilo Moraes; CONCÍLIO, Vicente; IMARISHA, Walidah. Ficções visionárias – intersecções criativas entre ficção científica, teatro e mudança social. **Pitágoras 500**, Campinas, v. 14, e024010, p. 1-14, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LUCAS, Ashley; CONCÍLIO, Vicente. Teatro como estratégia para mudança social. **Revista Periferias**, v. 7, p. 1-18, 2023.

MARQUES, Laís Jacques; CONCÍLIO, Vicente; SILVEIRA, Túlio Fernandes; MACHADO, Flávia. O Teatro entre as grades do patriarcado: privação de liberdade e de experiências em uma prática no regime socioeducativo. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

SANTOS, Guilherme Augusto Nunes dos. **Notas sobre o teatro e a prisão**: a crise da custódia e do tratamento psiquiátrico. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

Recebido: 26.02.2026

Aceito: 02.05.2026

Publicado: 03.11.2026

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0